

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

1112 - 931 - 2158

4241 - 4243

200

BARONEZA DE MAMANGUAPE

VISÕES

E

SOMBRAS

Prof. Guimarães Passos



RIO DE JANEIRO

Casa Mont'Alverne, rua do Ouvidor, 82

—
1897

Carmen Freire

Ha um anno e meio, mais ou menos, que eu annunciava ao mundo litterario fluminense uma poetisa que se affirmava com um livro, e saudando esse livro que vinha, vibrava de enthusiasmo, porque a alma que o compusera, em plena effervescencia, em plena expansão, promettia muitos outros, que se succederiam, admiraveis e fulgurantes como de uma nebulosa myriades de estrellas.

Aquelles que me leram (se por ventura fui lido) commigo se alegraram, porque Carmen Freire ou a baroneza de Mamanguape, já com os seus sonetos houvera enaltecido a sua gloriosa fronte, onde o mais bello talento feminino, que ainda despontou neste paiz, tinha serenidades de lago e conflagrações de electricidade.

. E eu escrevia:

UM LIVRO QUE VEM

O estylo é o homem, a *toilette* é a mulher.

Uma mulher dentro de uma *toilette* complicada, onde as cores vivas brigam revoltas, onde voam os flocos de renda e as fitas sem arte e com escandalo, representa perfeitamente um manequim; com a differença, que, na *Notre Dame*, vende-se a roupa

Dois annos depois, em 1888, ás 7 horas da noite á porta da *Gazeta da Tarde*, um amigo chama-me e apresenta-me á Sra. baroneza de Manguape.

Eu vinha de ler na *Gazeta de Noticias* o seu immortal soneto de estréa—*O mar*. Não me lembro se o desfechei á queima roupa, lembro-me que fiquei atordoado de contentamento.

A toilette é a mulher.

Era impossivel que toda aquella distincção de fidalga, escapada á côrte de Luiz XIV, fosse uma vulgaridade.

*

Nenhuma estréa mais arrogante e mais auspiciosa que a da gloriosa poetisa, cujo poderoso talento e cuja vibratibilidade de sentimento atiram-na logo para o primeiro plano, desbancando velhos combatentes, e cercando-a do fundo, onde mais verdadeiro fulge o merito real—a inveja.

Ser invejado é o triumpho dos grandes e o desespero dos pequenos.

Quando Elysabeth Gluk, poetisa austriaca, em 1841, publicou sob o pseudonymo de Betty Paoli, um volume de versos, a critica, admirada de que

o espirito franzino de uma mulher fosse capaz de semelhantes arrojados geniaes, fez-lhe tremenda guerra. Convenceu-se por fim, e depois confessa que nem a Austria, nem a Allemanha têm poetisa que se lhe opponha.

Estrear sem um padrinho, mormente n'um estreitissimo meio litterario como o nosso, é temeridade da qual só tira partido o talento privilegiado, sol que ha de, por força, derreter o gelo da indifferença e desfazer a tréva que o quer tapar.

Os outros trabalhos da baroneza de Mamanguape foram contados por triumphos; e um mez de publicidade estendeu-lhe a popularidade pelo Brazil inteiro e pela terra de além-mar, que nos deu a lingua que falamos.

Coração delicado e mysterioso, que vibra magicamente todas as cordas do sentimento; alma subtil, que parece já ter vivido n'um outro mundo do qual trouxe a nostalgia do céu, a doença ideal do Raphel de Lamartine; todo um organismo de nervos que a trazem intermittentemente n'um completo estado de sonambulismo, alheia á terra, nos extasis de Santa Thereza, ou irriquieta e ridente, a baroneza de Mamanguape desce ao tenebroso fundo do oceano e traz *A Perola* para a sua corôa, como o

mergulhador de Murger, e á sua superficie canta o bello *Mar*.

.....calmo e bonançoso,
Placido espelho do um luar sereno,
Onde, da esposa o pescador saudoso
Cantando voga em seu batel pequeno.

Volta-se para o céo e ergue um hymno á *Lua*; paira na terra e goza invocando a *Adormecida*, soffre com os mortaes e derrama a *Lagrima*, pequeno poema de tanta doçura e de tanto consolo, que eu trocal-o-ia de bom grado por todos os sonetos que tenho perpetrado, desde... que os perpetro.

*

Creio que todos os versos da aristocratica poetisa não são obras primas, porém os altos e baixos são peculiares a todos os artistas, e até é facto notado que muitas obras de particular esmero desapparecem, enquanto outras, de meias tintas, escriptas por desfastio, sem confiança no successo; ficam eternas.

Para mim o verdadeiro poeta é o poeta irregular, que não caminha para uma verdade, como um sabio; o poeta contradictorio, que aproveita o estado

da sua alma no momento da inspiração ; que escreve para obedecer ao seu temperamento, propenso em tal instante a tal coisa ; que agora chora, agora ri, agora impreca a Deus, agora blasphema.

« A poesia do seculo é confidencial » diz Taine, e no silencio do gabinete solitario bem pôde o poeta recolher no papel o que lhe segreda a musa debruçada á sua cabeceira.

Guarde o que ella diz, porque ella diz a verdade; escreva o que ella dicta e os mil leitores que hoje riram da sua simpleza, cada um ha de ter um dia em que ha de a comprehender e

Ha de estimar quem lhe contou aquillo

Que nunca ouvio com tanto ardor contado

como diz o nosso querido Olavo Bilac.

*

A preocupação da escola em prejuizo da espontaneidade é o pego onde vão se espatifar os poetas mediocres. Os de talento, em meio caminho retrocedem, e despindo a fôrma dogmatica que os abatia vestem a tunica transparente que nos aproxima delles, porque os vemos como nós, com as mesmas dores, com os mesmos sorrisos, com as mesmas alternativas.

Quando Victor Hugo nos deslumbra ficamos admirados mas não nos lembramos mais d'elle ; Musset, que é sempre coração, está eternamente ao nosso lado, humano e divino, consolando-nos tão bem, que se nos afigura ouvir a sua propria voz confidenciando amorosamente e sentidamente os seus immortaes poemas.



A baroneza de Mamanguape vai publicar um volume, de cujo prefacio se encarregou Ruy Barbosa.

Visões e sombras é o titulo que escolheu a primorosa sonetista, e este titulo explica perfeitamente a natureza das suas composições.

Ha no espirito da illustre dama alacridades de aurora e nuvens de tristeza ; estas mais pronunciadamente.

Os seus sonetos, com poucas excepções, são todos propensos á melancolia.

As *Visões e sombras*, que apparecerão breve, terão, com certeza, o mais ruidoso successo que um livro ainda pôde esperar do mercado brasileiro.

Aos cem mil leitores d'*O Paiz* vou dar mel pela bocca, fechando esta proza chilra com esta chave de ouro que furtei ao livro :

No deserto

Esperar?... para que? Com o sol expira
 A esperança que tínhamos no dia,
 E é tão longa, tão lobrega, tão fria
 A noite em que a alma incredula suspira !

O desengano toda a fé retira
 Dos corações, enchendo-os de agonia...
 Bemdito aquelle que inda se alumia
 Da crença a doce e perfumada pyra.

Passam-se os dias, para o céu levanto
 Os olhos cheios da maior tristeza
 E as minhas preces humidas de pranto

Mas a voz do infeliz tem taes raizes
 Que, dentro da garganta fica presa,
 E Deus escuta apenas os felizes.

(Do *Paiz* de 2 de Maio de 1890.)

Apenas rectifico que o prefacio não é escripto pelo Sr. Ruy Barbosa.

A baroneza de Mamanguape que promettia uma existencia mais longa, por isso que mesmo debil denunciava uma forte vitalidade; ella que nos fazia antegozar toda uma profusão divina de sonetos e poemas burilados com aquelle extremo carinho que só ella sabia ter; vibrante daquella

energia que era a nota característica da sua superioridade sobre as outras mulheres ; delicadíssimos, maravilhosos, encantadores ; ella, em plena florescencia da mocidade, foi repentinamente arrebatada pela morte.

X Nascida aos 2 de Março de 1855, aqui mesmo no Rio de Janeiro : educada por sua mãe, velha e pobre, que zombando das mil difficuldades que se lhe antolhavam preparou-lhe o futuro digno que a aguardou, vemol-a aos 13 de Outubro de 1869 ligada ao barão de Mamanguape, então senador do imperio.

E os salões illuminados da aristocracia não na absorveram. Si nelles fazia sentir a sua ausencia, enchia com o seu delicioso vulto sonhador a solidão myrifica em que se encerrava para entretecer caprichosamente as incomparaveis joias que prodigamente espalhava pelos mil leitores ávidos da bella, da verdadeira, da unica poesia — a poesia do coração.

E é no meio das suas contemplações, dos seus extasis, dos seus gosos immateriaes, dos seus sonhos, das suas lutas, das suas aspirações, da sua melancolia e das suas allucinações que a rede inevitavel da morte a vem colher com a rapidez terrivel de uma catastrophe.

MB
 Depois de 67 dias de penosissimo soffrimento, ás 6 horas da manhã do dia 13 de Setembro deste anno ella deixava-nos para sempre, deixando na poesia brazileira um vacuo que, ainda preenchido, sempre deixará ver que a cravação pertenceu a outra gemma de inegalavel tamanho e de suprema fulguração.

Morta, Noiva morta, No cemiterio e outros que me não acodem agora, mysticos, tristissimos, arrastam a gente até um ponto onde ficamos pensando, porque alamedas brancas de mausoléos e ensombrado de cyprestes passeia aquella alma errante no momento em que os escreve.

A *toilette* negra está de accordo com a tristeza de sua alma.

*

Eu acredito nos casos curiosos de sonambulismo de que falla Lombroso no *Homem de genio*.

Gæthe, Klopstock, Voltaire, Newton e outros compuzeram differentes trabalhos inteiramente alheios à si mesmos. Klopstock fez coisas que depois elle confessava : « Quando as escrevi só duas pessoas as entendiam : eu e Deus ; hoje só Deus ».

A baroneza de Mamanguape escreve dos seus maiores momentos de superexcitação nervosa,

quando nem está desperta, nem dormindo. Dahi o seu mysticismo a sua impenetrabilidade ás vezes.

Uma vez, em sua casa, quando a conversa era mais animada, ella levanta-se repentinamente, pega de um lapis e escreve de um jacto aquelle bello soneto *Noiva morta*, que todos conhecem.

Rio—Setembro—91.

GUIMARÃES PASSOS.

QUATORZE PEROLAS

Na clara manhã risonha, diante da janella escancarada para o céo azul e para os tufos verdes da vegetação, humidos ainda da chuva da vespera,—a penna saltava-me na mão, anciosa por encher o papel de cousas alegres e consoladoras.

E eu olhava para fóra, em busca de um assumpto luminoso, que se desmanchasse n'uma chronica perfumada, cheia do fulgor daquelle sol de maio, cheia da musica e da agitação daquellas azas sacudidas á luz, cheia da frescura suave daquellas flores orvalhadas.

O que eu queria, era uma chronica que se parecesse mais ou menos com o Dr. Ataliba de Gomensoro, que fosse breve e travessa como aquelle pósinho vaporoso, que fosse macia e sedosa como aquellas suissas, que fosse aristocratica como aquella mão de duqueza vestida de homem, que fosse leve e fantástica como aquelle passinho miudo de sylpho. Porque, — saibam-no todos os meus leitores, — o meu maior desespero de chronista é o Dr. Gomensoro, que desdobrado em meia columna de periodos brandos, polvilhados de malicia, de *humour*, de paradoxos esfusiantes e de adjectivos exquisitos,—daria uma chronica divina, capaz de levar a Colombine ao suicidio e de obrigar o Grosclaude a despedir-se do *Gil-Blas*.

E assim estava eu á procura de um assumpto luminoso, a olhar para fóra, seguindo o vôo das borboletas, na clara manhã risonha.

Pensei logo em fazer toda a chronica só com o teu nome perfumado, meu amor ! só com esse nome que cheira como um roseiral e gorgeia como um viveiro de canarios : bastar-me-hia escrevel-o aqui, nesta vulgarissima tira de papel, e a chronica estaria feita ; e a *Gazeta de Noticias* appareceria com uma columna fulgurante e aromal ; e o burquez pacato que a desdobrasse no bond, ás 9 horas da manhã, na digestão feliz dos ovos do almoço, sahiria da sua pacatez com uma grande vontade de amar e despejaria o olhar como um cabaz cheio de desejos sobre o collo de sua companheira de banco ! Mas, ai ! não escrevi o teu nome : primeiro, porque o teu nome é tão puro, que só deve ser dito de joelhos e escripto a letras de ouro, como o nome da Virgem, n'um missal precioso ; e, segundo, porque a *Gazeta de Noticias* é um jornal sério, e não me paga chronicas para que eu as transforme em alcoviteiras do meu namoro.

E continuava eu á procura do assumpto luminoso, quando um passaro veio pousar na grade da janella, e rufou as pennas, lepidamente, espanejando-se todo, com uma faceirice de *dandy* emplumado.

Exultei. Naturalmente, era elle quem me vinha trazer o assumpto, algum idilio de colibris sorprendido no mysterio das moitas cerradas, alguma aventura de borboletas que os seus olhos curiosos tivessem percebido no recesso das folhagens verdes. E, quando ia interrogal-o, ouvi bater á porta duas pancadas rapidas e seccas, de quem tem que fazer e e não se pôde demorar. Abri. Era o correio.

Uma carta, com timbre fidalgo. Quando rasguei o envelope, uma musica serena encheu o quarto, e eu agradei ao deus dos chronistas o assumpto delicadissimo que ia ter a minha chronica de hoje, — um soneto da maioral das poetisas brasileiras, S. Ex. a baroneza de Mamanguape.

Tem a palavra a cantora das *Visões e sombras* :

~~Fantastico~~

Desceu a noite silenciosa e triste :
 Muda, tremula, fria e cautelosa,
 Ella, palpando as trevas, busca, anciosa...
 O que ella, anciosa, em procurar persiste ?

Nenhum rumor escuta. Pressurosa,
 Tacteia, experimenta, volta, insiste...
 E entra na terra onde ninguem existe.
 Frio suor detem-n'a angustiosa.

Abre um caixão, em lagrimas desfeita :
 Treme, soluça, e rapida se deita
 Nos hirtos braços do finado amante.

Tem medo, quer fugir e perde a falla...
 Quer fugir... mas o morto, n'esse instante,
 Prende-a nos braços, p'ra não mais soltal-a.

.....

E ahí está como eu consegui, sem trabalho, transformar hoje esta columna da *Gazeta* n'uma especie de escritorio mysterioso e casto, onde o nobre coração da mais devotada sacerdotisa da poesia brasileira veio, para honra do chronista, soltar o fio sereno de quatorze perolas finissimas...

OLAVO BILAC.

Da *Gazeta de Noticias* de 15 de Maio de 1890.

UM LIVRO QUE VEM

Guimarães Passos, o gracioso poeta que enriquece a litteratura patria com os seus sonetos, de uma caprichosa correcção e de uma harmonia doce e suave, deu no *Paiz* a noticia de estar no prélo um livro de versos da Sra. baroneza de Mamanguape. O joven poeta alagoano descreve em largos traços o futuro livro e saúda, cheio de enthusiasmo e de alegria, esse bello talento femenino que ora surge na plena exhuberancia de uma gloria já firmada.

Essa noticia tambem me enthusiasmou, mas eu a considero por um aspecto differente do poeta alagoano. Guimarães Passos estuda e analysa o talento poetico da Sra. baroneza de Mamanguape, cita os seus versos, faz sobresahir as bellezas das imagens e a elevação dos pensamentos. Pouco me importa, porém, o merito da poetisa. No apparecimento de seu livro eu vejo um facto social de larguissima projecção, symptomatico de uma renovação profunda e radical nos velhos habitos da sociedade fluminense.

Mas antes de ir além, convém logo declarar que eu tambem professo a maior admiração pelo talento poetico da Sra. baroneza de Mamanguape. Para mim, a elegantissima senhora tem o cunho original do verdadeiro talento poetico, isto é, não pertence a uma escola, não sujeita a inspiração, livre e altiva, aos estreitos moldes de preceitos determi-

nados, de sentimentos conhecidos. Se acorda feliz e risonha em uma festiva manhã de primavera, iluminada de um sol que doura mas não queima, o seu verso tem as alegrias de um trinar de rouxinões: mas se seu espirito paira nas tristes meditações dos cemiterios, dos occultos segredos da vida de além tumulo, a lyra geme, triste e sentida, a soluçar de duvidas, a prantear saudades.

E' assim que eu comprehendo o verdadeiro poeta porque o sentimento não é uniforme e fixo em todos os momentos da vida e cada estado emocional da alma deve ter a nota propria que exactamente o traduza.

Mas o facto social que para mim representa o livro de versos da Sra. baroneza de Mamanguape é ser um protesto contra a indifferença que até hoje tem assignalado a mulher brasileira na evolução da litteratura nacional. Confessemos com dor, mas confessemos francamente, a mulher brasileira não tem até hoje exercido a menor influencia, no desenvolvimento artistico e litterario, não quer e exercer essa influencia, a evita e foge.

Entretanto é um phenomeno observado na historia, e que se repete com a exactidão de uma lei scientifica que em todas as épocas de grande expansão artistica ha sempre a influencia da mulher,

dirigindo e dominando, como se o talento do homem não pudesse vicejar senão aquecido no doce concheiro das saias. Para fazer sómente uma citação, basta recordar o que escreveu Taine em seu *Antigo Regimen*, sobre a influencia dos salões no grande seculo da litteratura franceza, quando surgiram Rousseau e Voltaire, quando foram publicadas a *Encyclopedica* e o *Espirito das Leis*. Eram nos salões dessas nobres e empoadas duquezas que Wateau reproduzio em seus *pasteis* immortaes, que as grandes obras primas eram lidas, discutidas, corrigidas, que o escriptor recebia os primeiros applausos, que as reputações se faziam e se impunham. Nessas conversações finas, scintillantes, apuradas em uma extrema cortezia, conquistou a lingua franceza essa inimitavel flexibilidade com que se presta a traduzir todas as paixões, e esse estylo tão nobre e tão digno. Os costumes adquiriram esse refinamento galante que é o caracteristico de uma civilisação superior e as proprias massas anonymas tornaram-se espirituosas e finas.

Um dos nossos escriptores nortistas, em um momento de irritação, chamou a essa mocidade que surge—*litteratos de confeitaria*. Mas onde se reunirão a não ser nas confeitarias e cafés, os homens de lettras, para trocarem idéas, para conversarem,

para lerem seus artigos ? Qual o salão aqui onde se discute litteratura e arte, onde seria commentado como um acontecimento notavel, um romance novo ou um quadro recente ?

Onde estão as *soirées* em que Pardal Mallet fizesse scintillar seus paradoxos originaes e Olavo Bilac recitasse os seus mais bellos versos, onde Aluizio Azevedo lesse algum romance inedito e Raul Pompeia uma de suas chronicas semanaes ?

O nosso bom burguez ainda considera o escriptor publico como um vadio perigoso que a policia por prudencia deve trazer sob sua continua vigilancia, com termo de bem viver assignado. E a senhora brasileira limita suas manifestações artisticas a bocejar no theatro lyrico, porque a moda assim o exige, porque é uma ostentação de luxo.

Eu não levo minhas ambições a desejar os salões do seculo XVIII, onde brilhavam uma Mme. Tencin, aclytada por um sabio como Fontenelle e um pensador como Montesquieu, uma marquez de Dessand, civilisando Bosseau, uma Mme. Helvetius, discutindo com Diderot e d'Alembert altos problemas de philosophia e de religião. Mais modesta era a minha aspiração, se pudesse influir no que se chama a alta roda da elegancia e da fortuna.

Em semelhante meio, indifferente e apathico. que acolhe com surda hostilidade toda manifestação de uma originalidade que se destaca, é preciso realmente ter coragem para escrever e publicar livros. E' por isso que eu applaudo o nobre esforço da Sra. baroneza de Mamanguape e convenço-me de que a elegantissima senhora sente em si a vocação irresistivel da arte. Seja bem vindo o seu livro.

Mas estamos em uma época de reconstrucção, que não deve ser simplesmente politica, mas tambem social e artistica. Urge que as senhoras brasileiras sejam tambem um factor poderoso nessa grande empreza, que animem as lettras, que não esmaguem as manifestações artisticas com essa indifferença glacial.

E quem melhor do que a Sra. baroneza de Mamanguape pôde tentar essa modificação, innoculando em nosso *high-lifé* a preocupação e o interesse pelas cousas da litteratura e da arte.

Prestigiosa pelo talento, pela elegancia, pelas relações, S. Ex. será uma força impulsiva e dominativa. E assim talvez em breve cesse esse facto unico na historia, — a falta da influencia da mulher no desenvolvimento intellectual de um povo. E nesse fim de seculo, onde tudo se analysa e tudo

se nega, onde a alma humana estrebucha sem uma religião que a console e uma philosophia que a alente, onde a sêde de dinheiro e a saciedade dos prazeres fazem reviver barbaros instinctos não eliminados pela civilisação; é a mulher ainda quem conserva vivaz e energico o sentimento poetico das idéas cavalheirescas. Eliminal-a da litteratura e da arte é cahir em um materialismo repugnante e grosseiro, porque nenhum povo passa á immortalidade se não tem uma missão historica a cumprir e nenhuma obra d'arte vinga se faltou ao artista a fé e o enthusiasmo.

Ainda uma vez e por todos estes motivos — seja bem vindo o futuro livro da distincta poetisa.

IGNOTUS.

(Do *Correio do Povo* de 25 de Maio de 1890).



NO DESERTO

Antes d'espírar el día
Vi morir a mi esperanza,

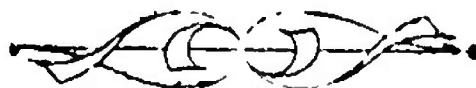
ZARATE.

ESPERAR?... para que? Com o sol expira
A esperança que tínhamos no dia,
E é tão longa, tão lobrega, tão fria
A noite em que a alma incredula suspira!

O desengano toda a fé retira
Dos corações, enchendo-os de agonia...
Bemdito aquelle que inda se allumia
Da crença á doce e perfumada pyra.

Passam-se os dias, para o céu levanto
Os olhos cheios da maior tristeza
E as minhas preces humidas de pranto.

Mas a voz do infeliz tem taes raizes
Que, dentro da garganta, fica presa
E Deus escuta apenas os felizes.





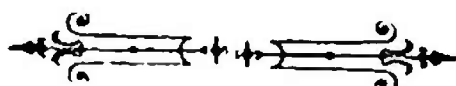
NINHO VASIO

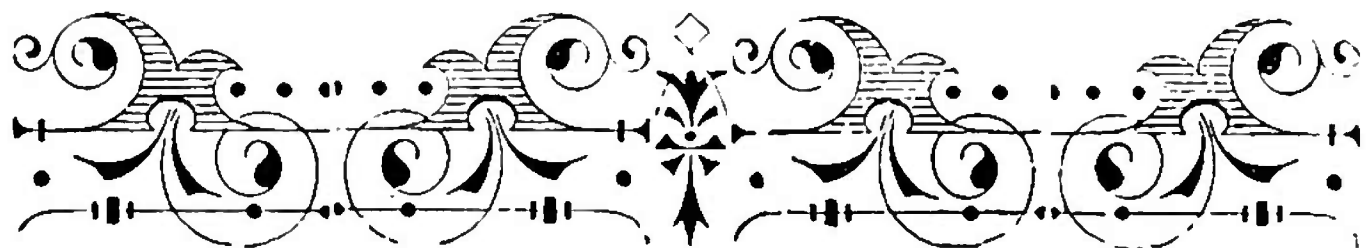
FUI ver o lar que ella habitou sorrindo
Quando nos vimos pela vez primeira,
E percorri calada a casa inteira,
E tudo estava n'um silencio infindo,

Andei de quarto em quarto descobrindo
O ninho onde aquella alma companheira
Desta alma palpitava prisioneira,
Todo o martyrio da paixão sentindo.

O' martyr, que colheste as tristes flores
Dos seccos descampados da existencia.
Espera e crê! Das tuas mesmas dores

Em breve, no vigor da florescencia
Colherás da ventura os mil verdores.
Flores do céu, de Deus divina essencia.





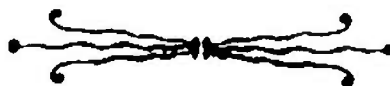
MARTYR

MAS longas agonias, que ella occulta
Nos sorrisos forçados da tristeza,
Raros podem julgar! Pomba indefesa
Cujas dôres o riso alvar insulta!

Ninguém da magoa que em sua alma avulta
Póde sequer medir qual a grandeza:
Tem por camimho asperrima deveza,
Por herdade a charneca vil, inculta!

Vasia a sala onde senti que a amava;
Sua alcova sem leito, erma, vasia!...
Sómente a solidão me acompanhava.

Onde viveste, ó santa, que a bondade
Toda resumes! hoje, quem diria?
Vive o negro fantasma da saudade.





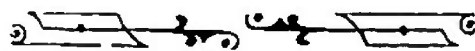
ILLUSÃO

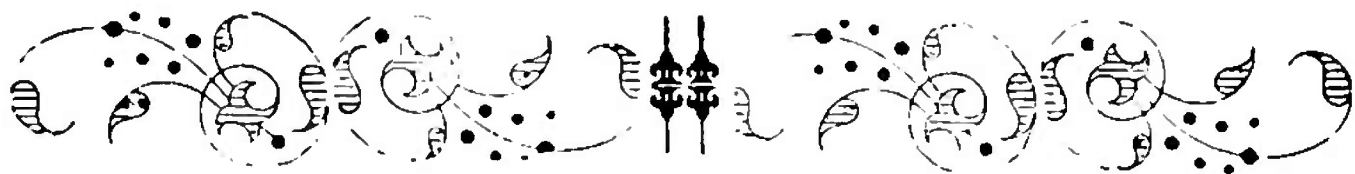
Louco que fui! Prendi-me á chamma ardente
Da viva luz que o teu olhar inunda,
Mas hoje creio que paixão profunda
Dal-a não póde quem amor não sente.

Bem sei que julgas que a paixão fremente
Póde esquecer-se; mas quando ella é funda
Fica a saudade atroz que nos afunda
No vortice voraz de acerba enchente.

A' tona da torrente as crenças vão
Boiar no mar dos pelegos tristonhos,
Onde a saudade afoga o coração.

Depois na branca espuma vão-se os sonhos,
E da morte assassina a negra mão
Mostrar-nos vem os tumulos medonhos!





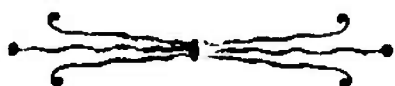
A ESCRAVA

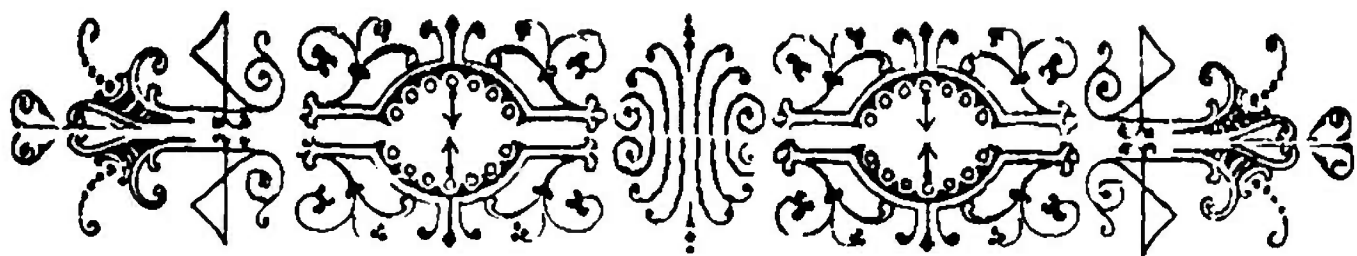
POUCO importa que esposa, mãe ou filha,
A escrava seja! Tristes, negros fados,
Ao grilhão de piratas condemnados,
Vincularam-lhe o pé que as urzes trilha!

Infeliz! Em que céu te luz ou brilha
O sol dos sonhos teus, gentis, dourados?
Em que terras ou climas afastados?
Em que sertões, em que deserta ilha?

Mulher e escrava! antithese de um crime,
Que a vil cobiça humana fez nascer!
Que força póde ter o pobre vime!

Quem ha que a mansa rôla em seu gemer,
Duro algoz, a ferir cruel se anime? ...
Folga, mulher, eis findo o teu soffrer.





O CEMITERIO

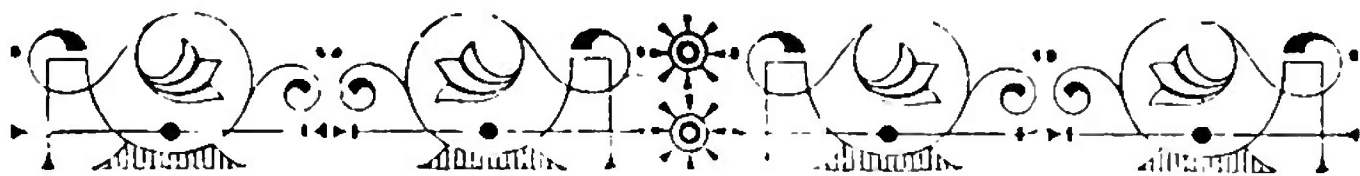
QUANDO á tarde nos tumulos sombrios
A lua espalha a merencoria côr,
Trecúmbla uma saudade, e em cada flôr
Rolam crystaes de lagrimas em fios.

Tremem as cruzes sobre os leitos frios
Por esse imperio do mais negro horror,
E sobre os corpos hirtos, sem calor
Abrem as azas os tufões bravios

Ouvem-se os gritos d'agourentas aves,
Que, perpassando da capella as naves,
Ousam da morte perturbar o somno.

Tudo alli dorme ; só não dorme a terra,
Porque a terra que o corpo envolve, encerra
Do verme atroz o pavoroso throno.





ABRAÇO ETERNO

MESCEU a noite silenciosa e triste...

Muda, tremula, fria e cautelosa:

Ella, palpando as trevas, busca anciosa...

O que ella anciosa em procurar persiste?

Nenhum rumor escuta. Pressurosa

Tactêa, experimenta, volta, insiste,

E entra na terra onde ninguem existe:

Frio suor detem-n'a angustiosa.

Abre um caixão, em lagrimas desfeita,
Treme, soluça e rapida se deita
Nos hirtos braços do finado amante.

Tem medo, quer fugir, e perde a falla :
Quer fugir, mas o morto nesse instante
Fecha-a nos braços p'ra não mais soltal-a.





ENFERMA

A' MINHA FILHA

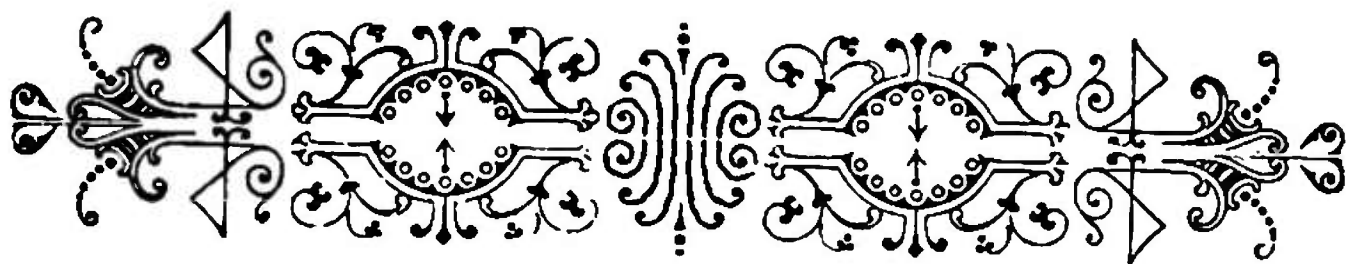
Não abatida! a natureza injusta
Julga que os anjos podem ter peccado
E, pondo-te n'um leito amargurado,
Não vê que ao proprio Deus tal crime assusta!

Incende em fogo a tua mão augusta
Secca-te os labios, e esse olhar amado
Enche de incerta luz, e um céu nublado,
Sobre as pupillas dos teus olhos justa

E eu te vejo soffrer... sem um gemido
Supportas o castigo immerecido,
Calma, tranquillã, muda, resignada,

No leito, entre lençóes de branco linho
Como uma deusa que um dragão marinho
Arranca pela espuma perfumada.





A PEROLA

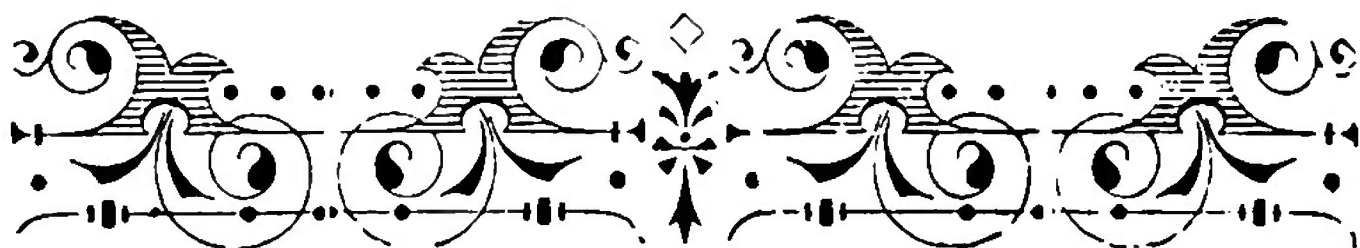
OH! tu que habitas entre os invios mares,
Perola rara de nitente alvura,
Cópia divina de immortal candura,
Deusa occulta em maritimos altares;

Desprende-te dos nitidos collares,
Transforma-te em humana creatura,
E então, mulher, prodigio d'esculptura,
Com o teu amor afasta-me os pezares.

Sê tu o alento, o poderoso veio,
Que, penetrando a curva do meu seio,
Torne-me a vida ardente e venturosa.

E, mostrando-me as fórmãs peregrinas,
Visão da noite, em sonhos côm de rosa,
Dá-me n'um beijo sensações divinas.





OUVINDO

A' MARIQUINHAS DE ASSUMPCÃO CHAVES

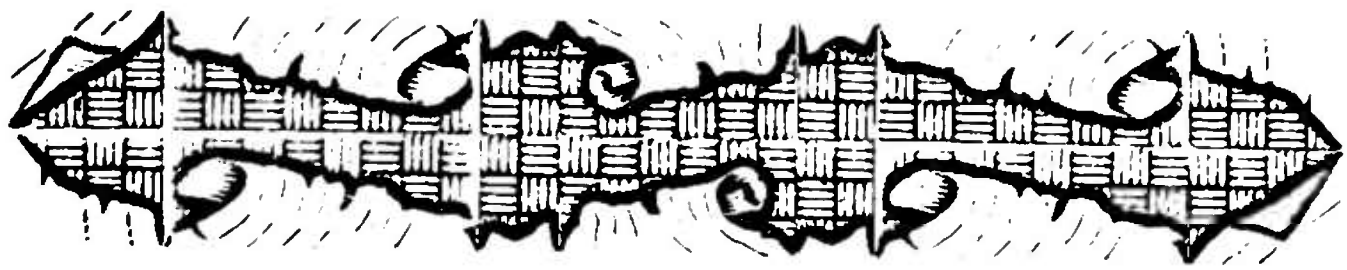
CANTA que o teu cantar é tão divino
Que d'harpa eolia o mavioso treno
Irmana-se ao gorgeio doce e ameno
Dessa tua voz de timbre peregrino

Dos sons melifluos ao mimoso trino,
Desvenda-se em minh'alma um céu sereno.
Tudo revive, o proprio mar é pleno
Das ternas melodias do teu hymno.

Quem será que te ouvindo não confunda
Do psalmo santo a limpida harmonia
Que nos enche de amor e nos circumda

Dos sonhos ideaes da fantasia. . .
Ouvindo-te a alegria em mim redunda,
Minh'alma canta, vive, s'extasia.





ENTRE DEUSES

A MEU MARIDO

CAHINDO vinha a tarde, o sol morria,
Enviando á terra o derradeiro beijo ;
Já no horisonte o limpido cortejo
Das estrellas a lua conduzia.

O céo de par em par o seio abria
A's horas do prazer e do desejo,
E a Madona do azul, n'um leve adejo,
Philtros de amor das azas desprendia.

Placida Venus brilha triunphante,
Saturno, contemplando-a commovido,
Entre as duas ficara vacillante.

Mas eis que inda mais bella surge Diana,
E o velho Deus, em seu amor ferido,
Morre nos braços da gentil sultana.





CELESTE

A' BIBI RIBEIRO

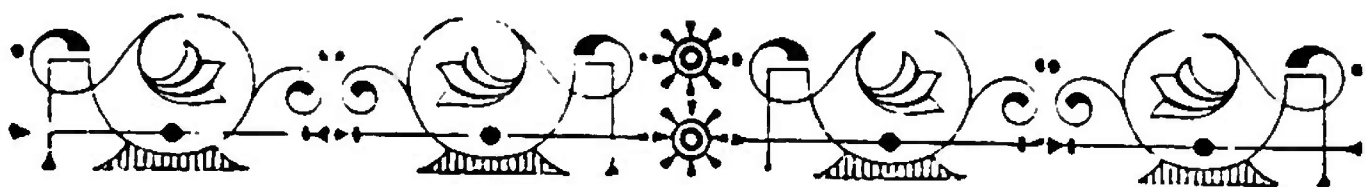
FANHADO pelas brumas do infinito
Fulge o teu nome na suprema altura ;
Em ti, Celeste, a mystica doçura
No céu de teu olhar tu tens escripto.

Teu nome pelos anjos foi transcripto
Em letras de ouro na penumbra escura ;
Na flor, na estrella, em tudo que fulgura,
Eterno viverá, sempre bemdito.

De ti nos falla a rutilante aurora,
E quando o ethereo azul o céo enflora
Teu nome rola derramando á flux,

Abre-se o espaço em limpida harmonia,
Rebrilham sóes, e o facho da poesia
A terra, mar e céos inunda em luz.





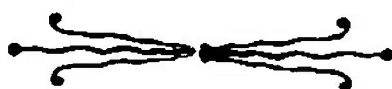
FANTASTICO

ABRI meus olhos sobre um cemiterio,
E em meio á paz silenciosa e fria,
Como mortalha lucida, cobria
A luz da lua o sideral imperio.

Os tumulos do marmore que eu via,
Livros em branco de eternal mysterio,
Eram degráos partidos de um funereo
Povo, que aos poucos desapparecia.

E ouvi no entanto gritos lastimosos,
Corações de bandidos que choravam,
Corações de poetas lacrimosos.

De amantes jovens lastimar profundo,
E a lua sobre os mortos que a fitavam,
Como um sereno olhar de moribundo.





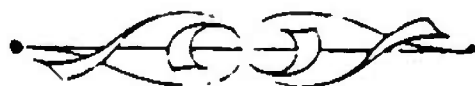
VOLVE

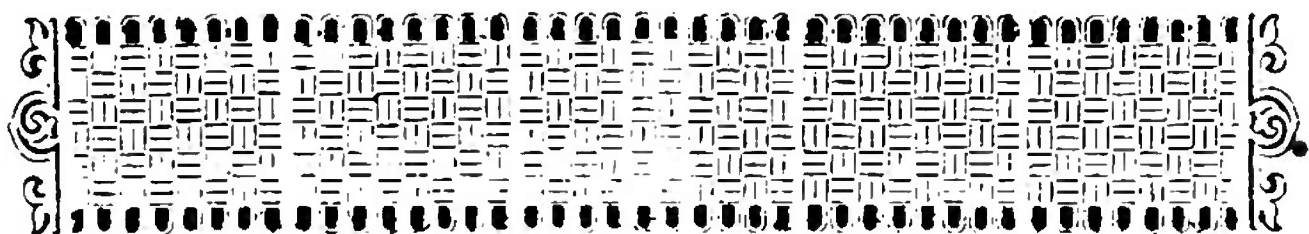
LONGE, tão longe, o teu amor buscando,
Vara-me o peito o espinho da saudade,
E a minh'alma nas garras da anciedade
A' dôr de te não ver se vae matando.

Vejo funereo crepe amortalhando
Todo o meu ser sem a menor piedade,
Porque da sorte a deshumanidade
Rouba-me o céo, de ti me separando.

Volve de novo, quero ler contigo
As orações de amor no livro ardente
Onde os beijos não têm nenhum perigo.

Quero contigo viajar sem norte;
Quero morrer, porque o amor vehemente,
Para a vida nos dar, dá-nos a morte.





NOITE EM SANTA THEREZA

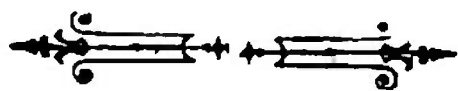
A MINHA MÃE

CLHANDO a linha irregular dos montes
E contemplando a vastidão marinha,
Vai-se a minh'alma, como uma andorinha
Em busca de mais bellos horizontes.

Meus tristes olhos, como duas fontes,
Jorram a magoa que o meu peito aninha,
Porque, ó sorte rispida e mesquinha !
Justo é que em pranto a minha historia contes.

E saibam que a amargura que me pesa
E' maior do que todas estas cousas
De que vejo cercar-me a natureza...

Pois, para minorar-me as amarguras,
Nem tu, oh! terra, me mostrando as rosas!
Nem tu, oh! estrella, que no céo fulguras!





A UMA ESTRANGEIRA

A OROZIMBO MUNIZ BARRETO

(HENRY MURGER)

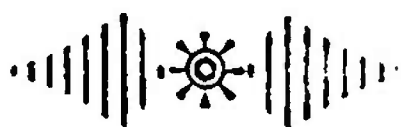
NASCESTE no paiz, do qual Mignon, se diz
Tem saudades, e tu como ella tambem choras
Sob um céo estrangeiro, o céo do teu paiz.

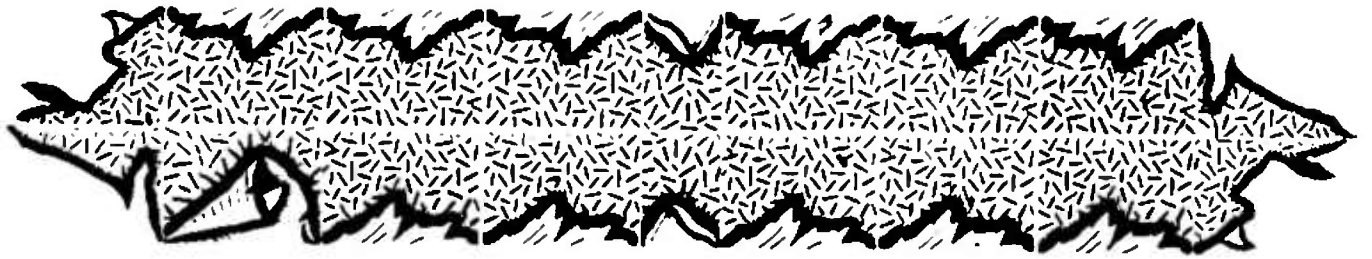
E passas tristemente interminaveis horas
Vendo tambem morrer, de saudades tranzida,
A planta tropical, um sol, sem luz, sem vida,

No exilio nunca mais ella se abrio em flores...
Morre, succumbe, muda ás mais profundas dores.
Tu sorrisos não tens, ella não tem perfumes.

Para que a flor de novo entre festões floresça
Para que ao teu olhar voltem os vivos lumes
E o teu rosto de novo alegre resplandeça ;

Ambas necessitaeas do sol desse paiz
Que Mignon não esquece e chora tristemente;
E ao sol dessa região, encantador e quente,
Vendo a flor renascer, tu viverás feliz.





ORIENTAL

A MEU FILHO DECIO FREIRE

PULGE o crescente, o céu 'stá claro e lindo...
Leve perpassa a viração nocturna,
E, da patria distante, o peito abrindo,
Soluça o prisioneiro n'uma furna.

Stambul, Stambul! esplendido thesouro,
Mãi de guerreiros e de moças bellas!
Oh! meu saudoso luar do Corno de ouro,
Todo coalhado de milhões de velas?

Pera, Galata, harens, sumptuosidades,
Santa Sophia, tudo o que eu desejo,
Matai-me de Zobeida estas saudades,
Já que presinto nunca mais a vejo.





D'APRÈS NATURE

Como é bello ver-se quando
Amorosos, descuidados,
Andam felizes brincando
Dous pombos enamorados,

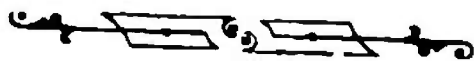
Parece até que o bafejo
Daquella casta alegria
Envolve-os na luz d'um beijo
Que ao beijal-os se extasia .

Como saltita sorrindo
Aquella pomba amorosa,
Que, em bicos dos pés fugindo,
Mostra as meias côr de rosa.

E o noivo, olhai-o, correndo
Como criança travêssa,
Quer pegal-a... mas temendo
Que ella se agaste, tropeça.

Pararam ambos, e, olhando
Todo o campo em flor aberto,
N'um salto galante e certo
Aos beijos vão-se abraçando,

E naquelle ardente enlevo
Naquelle delirio cégo,
Fulgem em alto relevo
Delicias do tempo grego.





(LUIZ ULHAND)

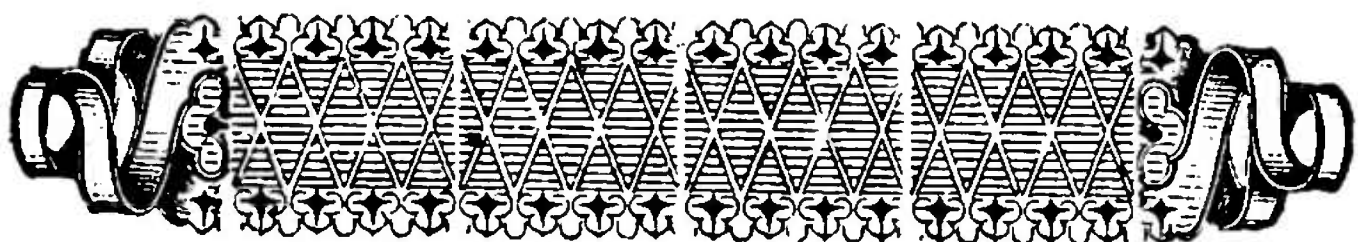
ASSIM como do sino o monotono canto
Vibra ainda depois de abandonar a torre;
Assim como quem desce alto monte correndo,
Chegando ao plano ainda um bocadinho corre;

Assim como a fogueira abandonada ao canto
Muito tempo depois fulge morre-não-morre
Assim como uma flor já quasi fenecendo,
Aberto o calix, cheira e o orvalho della escorre

Assim como perdura o agreste sentimento
Da flauta pastoril no campo, onde o rebanho
Traz o calmo pastor de venturas repleto;

Assim dentro de mim, eterno, experimento
Do soneto o desejo inefavel e estranho,
Que me obriga a fazer este ultimo soneto.





ADORMECIDA

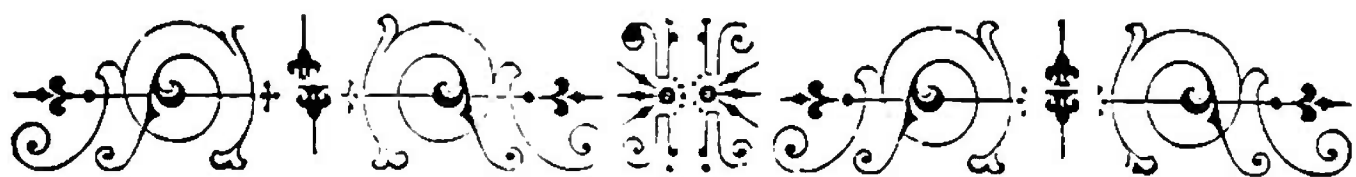
L' NOITE! e no seu leito graciosa
Dorme languida a fada alabastrina!...
De uma pet'la de liz candida e fina
Fez Deus aquella nayade formosa!

Que mimos tem na cutis setinosa
Essa mulher, que a pallidez divina
Dos marmores da Grecia peregrina
Ostenta em sua côr de branca rosa!

Nympha que dormes ao clarão da lua,
Tu, que o esplendor da Estatuaria nua
Em teu delgado sêr fragil resumes :

Deixa que os olhos meus em ti se fitem,
E que os teus entreabrindo-se me excitem
A succumbir de amor e de ciumes !





VINTE DOUS DE AGOSTO

RESPONDA a aurora risonha.
Na capital brasileira;
Ouvem-se as vozes dos sinos
Por esta cidade inteira.

O som do canhão retumba
Nos mares de verde-azul;
Aureas bandeiras tremulam
Batidas do vento sul.

Ostenta-se o sol formoso
Na terra de Santa Cruz,
E a Providencia Divina
O Imperador nos conduz.

Vinde, pois, monarcha excelso
Nós vos saudamos senhor!
Sois o idolo do povo,
Sois do Brazil o penhor!

Echcam do Sul ao norte
Vivos brados de alegria!
Vela o gigante deitado
No cume da serrania.

Enche-se o dia festivo
De galas e de fulgor:
Hoje ás plagas brazileiras
Volve o nosso Imperador.

Busca a filha do seu peito,
Isabel a Redemptora;
Com ella passa radiante
Entre a turba acclamadora.

Fulge, cidade bemdita,
No solo da liberdade!
De Isabel já brilha o nome
No vacuo da immensidade.



A MUSA

A MUSA, que em noss'alma accende a chamma
Da pura e genial inspiração!

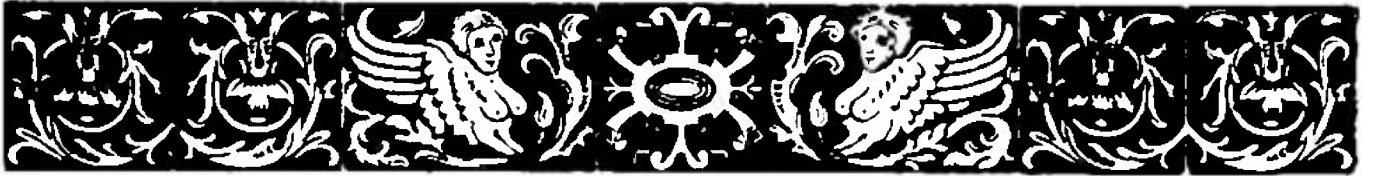
Que ao plectro ardente ou meigo da paixão,
O peito nos captiva e nos inflamma,

E' dos hymnos do céo a doce gamma,
Celeste, maga e languida canção,
Que nos falla de amor ao coração,
E aos mundos ideacs nos leva e chama;

E' das obras de Deus a maravilha,
O sol que em todo o mundo esplende e brilha.
O espaço immenso, a terra e o infindo mar!

A flor que busca a linda abelha loura,
Do sol posto o clarão que as nuvens doura,
Da noite em meio pallido luar!





INVERNO

NÃO-SE os annos, e as cans, apparecendo,
Tornam-me a vida lugubre e sombria ;
Nada me resta, e a carne é já tão fria
Que, apezar de viver, estou morrendo.

Não vive quem o amor não conhecendo
Não vê jamais o claro sol de um dia,
Que a luz do sol que as almas alumia
E' o amor, que as almas vai de luz enchendo,

Vivo e não vivo, e fallecendo em vida
Como a lampada triste pouco a pouco
N'um claustro fulgurando amortecida,

Calma e tranquillã deixa a vida ingrata,
Onde da luta o soffrimento louco
Céga, apunhal-a, dilacera e mata.





ALVORADAS

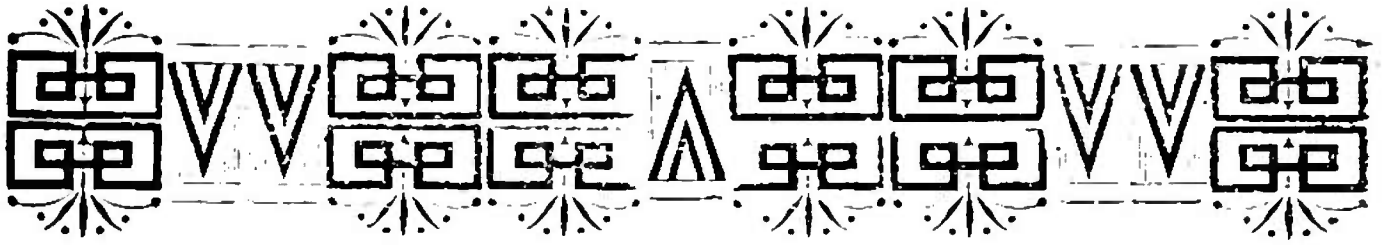
QUANDO surge no oriente o sol brilhante,
De luz banhando as veigas e os algares,
Mimosas garças recortando os ares
Cansadas pousam no paul c'istante.

Busca a linda phalena o seu amante,
Voando como louca, entre os palmares,
E com elle volvendo aos seus pomares,
Afaga-o carinhosa e palpitante.

Descanta a meiga rôla os seus amores ;
Subtil deslisa o rio entre verdores,
Bem como branda corre a doce aragem.

E as flores, sobre as aguas debruçadas,
Acordam no seu leito, reclinadas
Entre os mimos e graças da ramagem.





A LUA

Dª LUA! formosa lua!
Do céo soberana augusta,
Dize, dize, que te custa
Desvendar-me a vida tua?

Conta-me os doces segredos
Das regiões incognociveis,
Onde archanjos invisiveis
Têm anneis de astros nos dedos.

Dize se as nuvens formosas,
Quando se fundem n'um beijo,
Sentem no seio o lampejo
Das estrellas luminosas.

Vem alentar-me, querida,
Que, a todo o poder, prefiro
O aroma do teu suspiro
Para encantar minha vida.

Talvez tu possas um'hora
Mostrar-me as crenças que voaram
Paginas que se rasgaram,
Apagando a minha aurora.

Talvez mostre-m'as suspensas,
Sem abrigo e sem ventura,
Chorando na immensa altura...
O' minhas perdidas crenças !

E, quando ao céo remontares,
Leva comtigo a minha alma,
E no céo, como um astro, calma,
Fique dominando os ares.

Vendo um corpo que soffreu
Na terra, sob uma cruz :
A terra perde uma luz,
Mas ganha uma luz o céo.

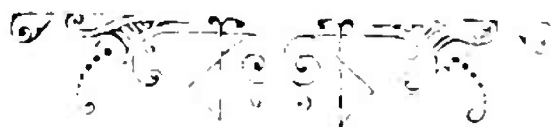
Desvenda-me os esplendores
Do céo coalhado de estrellas,
Que a gente parece, ao vê-las,
Vêl-o coberto de flores,

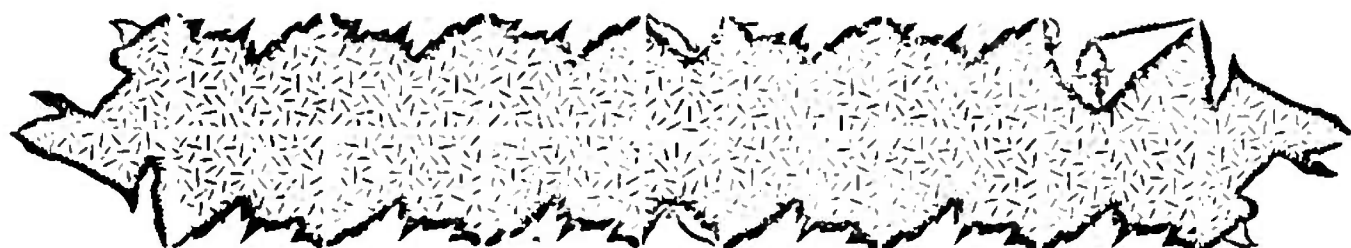
Mostra-me os vastos imperios
Da tua eterna morada,
Profundamente sulcada
Dos mais profundos mysterios.

Mas calas zelosamente
O poema que o céo encerra,
E corres até a terra
O teu manto alvinitente.

E suspensa em doce luz
Ficas de um extase presa,
Alma de Santa Thereza,
Casta esposa de Jesus.

Desce da frigida bruma,
Ai! vem conversar commigo!
Vem, que o teu halito amigo
O meu coração perfuma.





APOSTA DE CHRISTO

Che ben puo' nulla che non puo' morire
(Sonetti - PETRARCA.)

QUANDO no alto do cruel madeiro
Pregaram Jesus-Christo, sem piedade,
Pairava-lhe um sorriso de bondade
No labio resequido e verdadeiro.

Consta que alguém gritou-lhe: - vil cordeiro,
Tu que prégaste o bem, tu que a verdade
Prégaste, morres nesta iniquidade
E calmo dás o alento derradeiro.

Não clamas, não fulmina teus algozes,
Tua palavra magica emmudece,
Morres tranquillo, mudo, solitario...

E Jesus, atalhando as suas vozes,
Respondeu-lhe:—Ah! feliz o que padece
E chega logo ao alto do Calvario.





A' MINHA AMIGA

EUTHALIA DE BARROS GURGEL DO AMARAL

SABES d'um mal que leva ao desvario,
Que faz do somno uma segunda vida
E torna o rosto mais jovial sombrio?

Que ao desespero o coração convida,
Que os olhos dilatando a vista encurta,
E, dando forças, toda a força embrida?

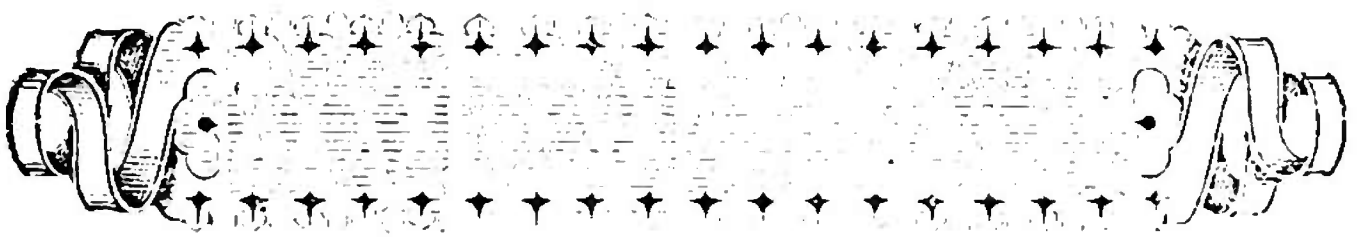
Sabes d'um mal que a intelligencia furta,
Que falla muito quando nada falla
E a mais extensa vida torna curta?

Que se um minuto uma illusão embala
O nosso pensamento entre venturas,
Todo o prazer elle irrompendo cala?

Sabes d'um mal que leva as creaturas
De pezar, em pezar, de dôr em dôr,
Por uma galeria de loucuras?

Dizes que é o odio, eu digo que é o amor.





O VENDAVAL

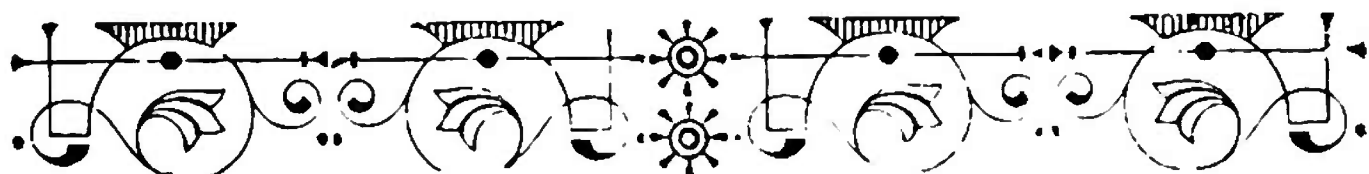
RIBOMBA a tempestade! Aos seus rugidos
Voz de tormenta estruge pelos ares,
E os troncos do arvoredo, eculares,
Juntam, cahindo, aos della os seus gemidos!

Fogem as aves aos cem mil bramidos
Da furia que rolando vai nos mares;
E a triste procellaria entre os algares
Do furacão se afasta entre vagidos.

Sibila o vendaval, troando o espaço
Como a rubra centelha do estilhaço
No campo ensanguentado da batalha!

Mas eu, que affeita vivo a fundas maguas!
Não me atérro ao furor das negras fragoas
Que o céo raivoso, em chamma ardendo espalha,





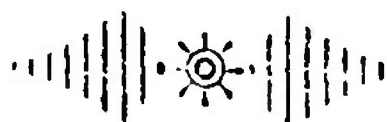
LUAR NA SOLIDÃO

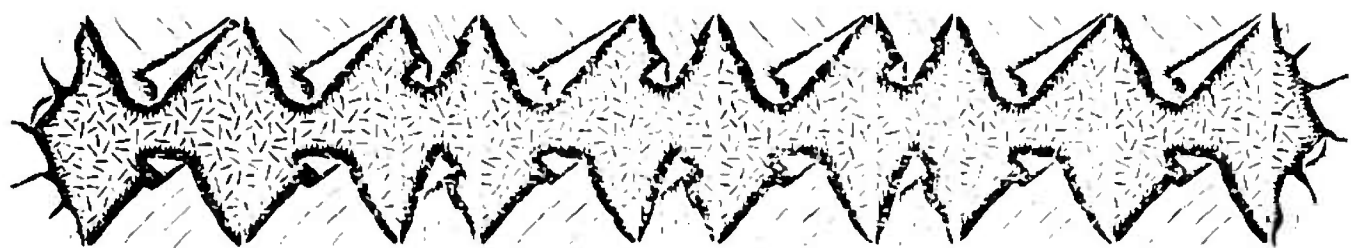
LIS-ME comtigo a sós, formosa lua,
Ao doce marulhar das ondas mansas,
Onde dos raios teus a luz descanças
Que branca e bella esparge a face tua.

Como a sultana que na espadua nua,
Segundo as velhas orientaes usanças,
Envolve em fino véo as louras tranças,
Ficando-lhe mais clara a espadua sua

Tal te mostras, rainha dos espaços,
Entre as gazes do céu adormecida!...
Não sei que doces, que invencíveis laços

Ligam a ti minh'alma embevecida!
Ah! deixa-me seguir no céu teus passos,
Astro da noite, luz da minha vida!





BALATA

A GUIMARÃES PASSOS

CAHIA a noite, cahia...
Abriam palestra as flores;
A' despedida do dia
Davam entrada os amores.

Ella com o riso dourado
Que o sol lhe deixou
Dizia ao seu namorado:

– « Pelo prazer que te dou,
Qual o premio que me deixas? »

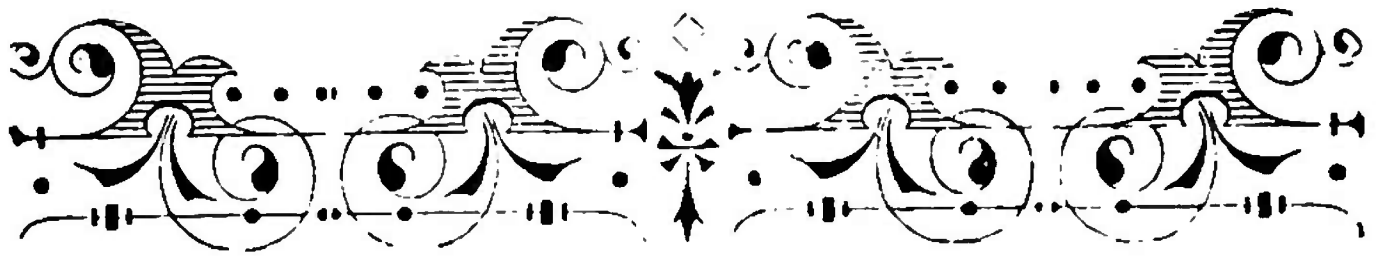
— « Eu deixo-te o meu amor
E apaixonadas endeixas...»

— « Endeixas apaixonadas
Têm muitissimo valor ;
Porém se por mim suspiras
Nas cordas endulçuradas
Da lyra ;
Se o teu amor é sincero,
Em troca do meu amor,
Trovador, apenas quero
Tua lyra, trovador.»

Nada se ouve, o poeta inclina
A frente, toma-lhe a mão,
E na rosea mão tão fina
Deposita o coração.

— —

E doce a noite cahia...
Abriam palestras as flores ;
A' despedida do dia
Davam entrada os amores.



ALVORADAS

Nos alvos areaes do meu paiz,
Quando a brisa murmura os seus queixumes,
Desprendem-se das flores mil perfumes,
Que incensam dos silvados o tapiz.

Gracioso alli s'expande o branco liz,
E o sol, que illuminando vai os cumes,
Dissipa das montanhas os negrumes,
Bordando dos vallados o matiz.

Nos mimos tropicaes do meu Brazil
Embala-se a minh'alma embevecida
Nos extases do amor em sonhos mil!

Como te adoro, oh! patria estremecida,
Terra d'encanto e luz, torrão gentil,
Berço de amor, fanal da minha vida.





SEUS OLHOS

QUEM vio jámais a luz do sol desponte
Em limpida manhã de claro dia,
Branda luz que não dóe, mas que alumia
O insecto, a flor e as perolas da fonte;

Que nos visos da serra do horisonte
Accende um sol em cada penedia,
E enche o bosque de luz e de alegria
Aos hymnos festivaes do mar defronte;

E seus olhos que a terra e o céu retratam
N'um meigo olhar de placida doçura...

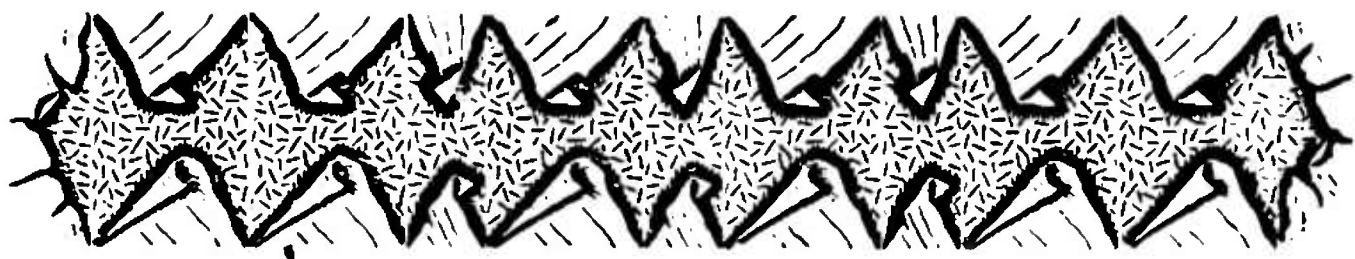
— Olhos que nos dão vida ou que nos matam...

Má idéa terá !... Fôra loucura

Tentar fugir se os raios seus desatam

Aquelles olhos de pupilla escura.





A MORTE

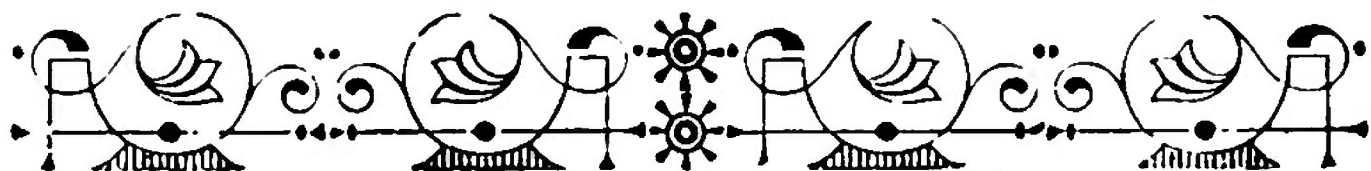
QUANDO ella vem de nós se approximando,
Livida e fria, horror da humanidade,
Lethal, cruel, sem dó, sem mais piedade,
Da vida as illusões aos pés calcando;

Nas orbitas vasias vai levando
Do nosso olhar a fulva claridade ;
Porém se um sol nos rouba, a eternidade
O espirito immortal nos vai banhando.

Nos mares do infinito o pensamento,
Qual flamma, oscilla, quando a mão terrível
Cortar nos vem de um golpe o soffrimento.

Baquea o corpo immerso em dôr horrível,
E a féra horripilante de momento
Reis e plebeus conduz a somno nivel!





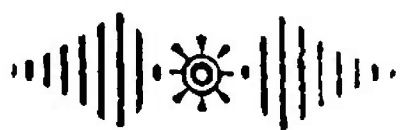
NOIVA MORTA

COMO esta alcova é lugubre e sombria!
De ti só resta a pallida saudade!
Noiva, subiste á luz da eternidade
N'um manto azul de fulva joalheria.

Do teu amor minh'alma está vasia;
Cerca-me a vida espessa escuridade.
Cruel destino! Pobre humanidade
Das leis sujeita á negra tyrannia!

Em vão procuro afugentar da mente
O teu corpo de marmore, velado
N'alva mortalha fina e transparente.

Debalde! Em vão! Meu sonho desvairado
Mostra-me o leito funerario e algente
Guardando a branca flôr do teu noivado.





FINGE

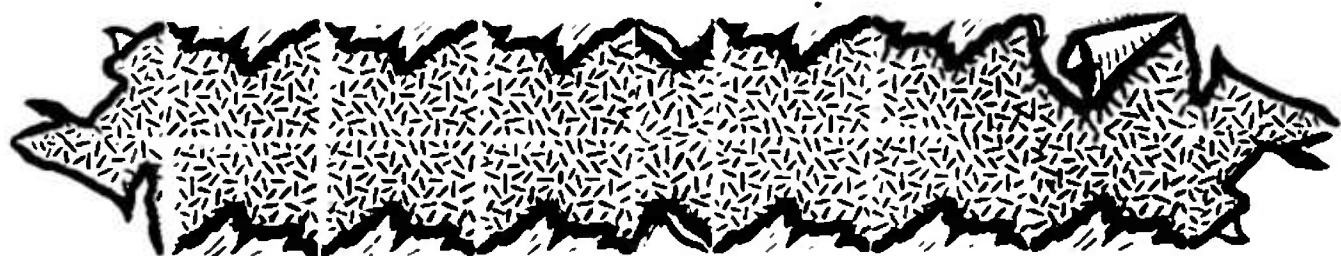
FIMQUANTO choras morre a luz divina
Dos teus olhos na lagrima que escorre...
E, sem que a dôr matar comsigas, morre
Da tua face a rosa purpurina.

Basta de pranto! Volte á cutis fina
A côr que foge quando o pranto corre;
E, em vez da magoa que o teu sêr percorre,
Percorra o amor que as almas illumina.

Se, porém, não te é dado o niveo pranto
Matar, matando a tua dôr pungente,
Finge, não mostres o que prezas tanto,

Finge, porque ao olhar indifferente
Faz tanta inveja um riso falso, quanto
Prazer lhe causa um desespero ardente.





MEIA NOITE

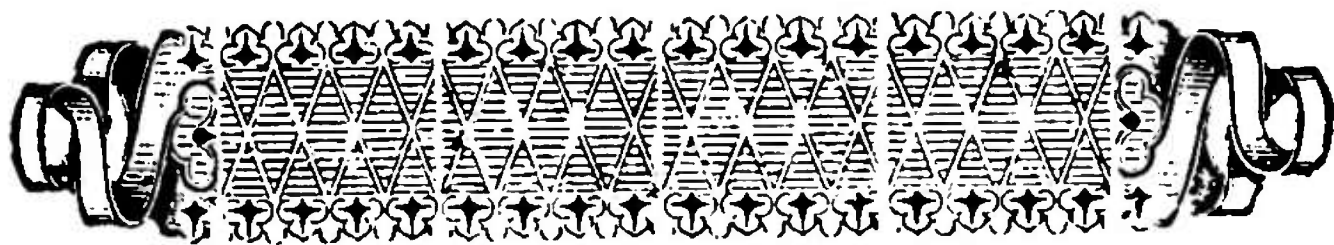
LA' fóra apenas o silencio e a treva . . .
E' nessas horas de melancolia,
Que a alma dos crentes, como a luz do dia,
Nua, ás celestes regiões se eleva.

Felizes crentes que não têm por guia
O corvo horrendo que a grasnar me leva;
Corvo cruel, que no meu peito ceva
A fome eterna que jámais sacia.

Mas nessas horas em que a noite corre,
Tranquilla como um ai! que foge e morre,
Alliviando um peito desgraçado;

È que eu, voltando os olhos p'ra o meu seio,
Tremula e triste, com saudades leio
Toda a historia feliz do mez passado.





A ISABEL A REDEMPTORA

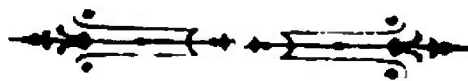
TREZE DE MAIO

TUDO ao redor são festas e cantares!
Nunca tão alto som de alegres hymnos
Surgio de toda parte, á voz dos sinos,
Nos seus gritos de bronze pelos ares!

Fugiram da cidade os seus pezares ;
E' geral o prazer! Iguaes destinos
Irmanaram com os velhos os meninos,
Com as humildes choupanas os solares!

E cabe a vós, Senhora, tanta gloria,
Pois livrastes da dôr do captiveiro
Milhares de infelizes, cuja historia

De longâs dores é um poema inteiro;
Aceitai, pois, oh anjo da victoria,
Da patria livre o livre amor primeiro.





AO HEROICO GENERALISSIMO

MANOEL DEODORO DA FONSECA

PARA nós, almas livres, não existe
Direito algum além da liberdade ;
Vimos da terra ardente, onde hoje triste
Chora entre cinzas a fiel saudade.

Artistas, nossa eterna mocidade
Através dos sarcophagos persiste,
E, abrindo as azas á immortalidade,
Cremos n'um Deus que ás tentações resiste.

Creemos no alto poder do pensamento,
Da victoria gloriosa do talento,
Das creações dos genios immortaes.

Tu, que nos déste um horizonte novo,
Tu, que entregaste a liberdade a um povo,
Creio em ti, General dos generaes,





MELANCOLIA

MELANCOLIA, perfido veneno,
Vida aparente, interminavel morte,
Tu me conduzes, como ao leve threno
Conduz e absorve, sem piedade o norte.

Quando a minha alma de repente avista
Uma flecha de luz e as azas bate,
Sobes-me aos olhos, deixas-me sem vista,
E eu cedo humilde ao teu amargo embate.

Foram-se as flores que colhi sorrindo,
Quando a teu lado, os teus olhos lendo,
Tu me dizias:--Olha como é lindo

O mar, o céu e tudo que estou vendo!
E eu tremula de amor tua falla ouvindo
No veneno lethal me fui prendendo.





DESCRENÇA

RASGA-ME o peito e ficarei contente,
Pois que da vida me não resta um dia,
Nem mais a luz que d'antes me accendia
O peito, agora ha de tornar ardente.

Sem ti tudo me foge tristemente . . .
E as paginas de amor, que eu tanto lia,
Rasgaram-se uma a uma quando eu via
Um novo céo seguir-me de repente.

'Como hei de crer, se a crença que se aninha,
Dentro em meu coração, um só momento,
Lá te avistando como uma andorinha.
Foge á frieza do teu alojamento?

Ave da noute, á clara luz do dia
Fechas os olhos torvos e pesados
Que te importa o prazer melancolia,
Se o teu prazer é ver-nos degraçados?

Tu nos penetras vagarosamente,
Como o perfume e nunca mais nos deixas;
Tudo o que vemos fica de repente
Dentro da furna escura em que nos fechas.

A ave não canta, a flor não tem perfumes,
E o céu que cobre o mundo que habitamos,
Peza, como uma lugubre redoma,
Dentro da qual acs poucos definhamos.



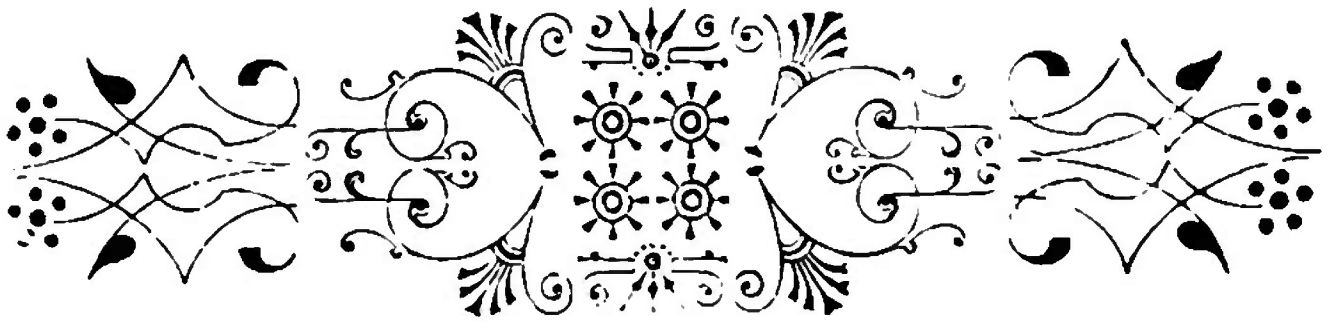
SIMILI

¶ E a alma dorouxinolum dia a Deus cantasse
A sua desventura
Por mais que o seu gorgeio em pranto derramasse
Não n'ó estaria Deus na luminosa altura.

No entanto algum mortal dentro d'alma ferido
Ouvindo-lhe o gorgeio.
Sentira o peito menos dolorido
E a crua dor, talvez dormisse-lhe no scio.

Poetas somos assim — ninguém feliz nos ouve
Quando exhaustos cantamos
Sem ouvir uma voz que o nosso grito ouve,
Involuntariamente aos tristes consolamos.





RESPOSTA A ARTHUR AZEVEDO (*)

TODA me indagas—todo te pesquiso
Desde os pés ao negror do teu cabelo,
Emquanto vês em mim frio modelo,
Eu por fora e por dentro te analyso.

Buscas o inferno em mim—e eu quero vel-o
Dentro em teu coração . . . porém diviso
Apenas o fulgor do paraizo
Que, como eu, tu não sabes escondel-o.

(*) Este soneto nasceu de uma pilheria. Tendo o Sr. Azevedo publicado com as mesmas rimas um bello soneto, eu quiz responder-lhe ; o que fiz--enviando-lhe este sem assignatura.

Quando me fallas — eu te contradigo;
Firmo no rosto indecifráveis traços...
Se me persegues, eu te não persigo,

Queres meus braços núbios e morenos...
Fogem meus núbios e morenos braços...
Mais te conheço—e me conheces menos.





PANTUM

AMANHA força o teu olhar encerra
Que, a historia inteira de um passado triste,
Mal os teus olhos encontrei na terra,
Já não existe.

Que a historia inteira de um passado triste,
Que eu julgava immortal antes de ver-te,
Já não existe,
Apenas hoje em goso se converte.

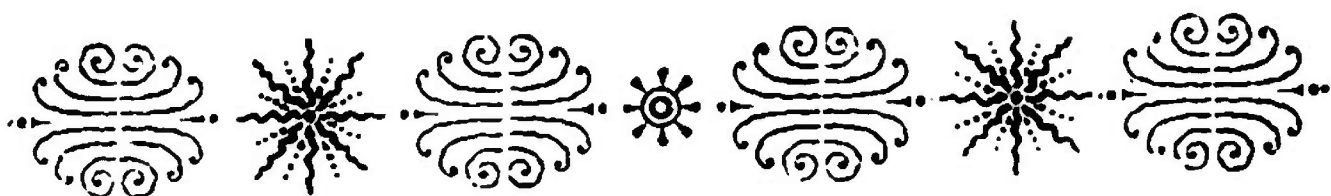
Que eu julgava immortal antes de ver-te,
O pranto que a memoria guarda a um canto,
E apenas hoje em goso se converte
 O antigo pranto.

O pranto que a memoria guarda a um canto,
Como o orvalho da flôr que o sol absorve,
 O antigo pranto
Fonte que as fontes d'alma avido sorve;

Como o orvalho da flôr que o sol absorve
Tal, á luz dos teus olhos, encantada,
Fonte que as fontes d'alma avido sorve,
 Tornou-se nada.

Tal á luz dos teus olhos, encantada,
Meu coração abriu-se, que tu viste
 Tornou-se nada
A historia inteira de um passado triste.





QUANDO A VI MORTA

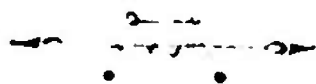
A ROSALINO MARQUES DE LEÃO

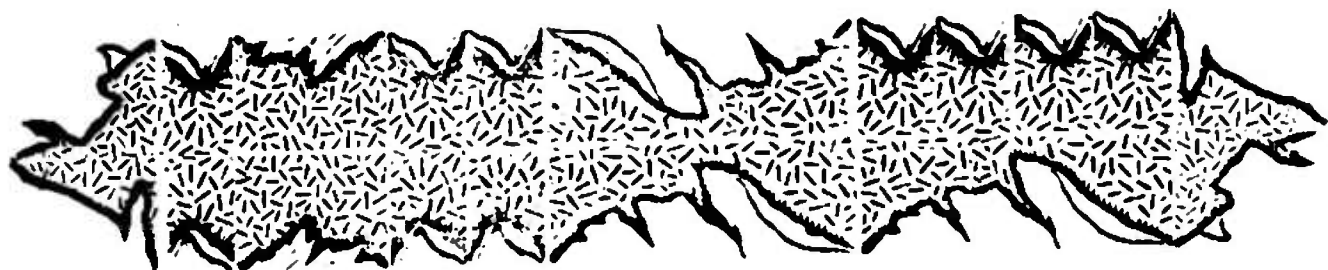
QUANDO a vi morta, no caixão deitada,
Hirtos os braços na algidez da morte,
Faltou-me o ar e a luz, corri sem norte
Por vel-a aos meus extremos arrancada.

Porém voltei; beijei-lhe a face amada,
De flores cingi o estranho porte;
E á febre da loucura, n'um trasporte,
Vi-a sorrindo, para mim voltada.

Mas ah? fóra illusão, inerte estava,
E o marmoroso pallor que transfigura
Já na face da morte se estampava.

Ella dormia ao sol da eternidade,
Eu, céga e triste, errava em noite escura,
Buscando a luz em plena escuridade.





CONTRARIA, CONTRARIIS...

Não eu, e mais ninguém, sei da tortura,
Da angustia horrível que o meu ser consome :
Onde encontrar allivio a desventura,
Encontrando uma força que me dome ?

Olho em torno de mim--é noite escura
E a cruel solidão sorri... Quem tome
Este pezar não acho, oh! sepultura!
Chama-me o corpo, e nelle mata a fome.

A' venenosa, a torpe mancenilha
Que ella sugue-me a seiva, e depois cresça,
Se avolume no corpo e nas raizes.

Da morte a planta seja a maravilha:
Todo o amante infeliz nella conheça
Allivio eterno ás almas infelizes.





ESTROPHES

AO DR. CAMARGO

O mortal mais desgraçado
Tem uma hora de alegria,
E neste momento amado
Esquece o quanto soffria
O mortal mais desgraçado.

Quando geme o coração,
Ferido de intensa magoa
De saudade ou de paixão,
Os olhos se arrasam d'agua
Quando geme o coração

Por vermos tudo tão feio,
Nosso viver tão medonho,
Abrimos o nosso seio
A' doce illusão, ao sonho,
Por vermos tudo tão feio.

O' fantasia! ó chimera!
Como adormeces o mal
Que em nosso caminho impera!
Consolas qualquer mortal,
O' fantasia! ó chimera!

Quando algum pezar me opprime
Fecho a razão e solto a alma,
Que ella em sonhos goze e rime,
Que os versos trazem-me a calma
Quando algum pezar me opprime.

Ditosa, ditosa a sorte
Que me doutou com uma lyra
P'ra que n'um triste transporte
Eu consolada profira:
— Ditosa, ditosa sorte!

Por entre os finos espinhos
Da estrada que pisa o poeta
Tambem ha lindos caminhos
De rosas, de violeta,
Por entre os finos espinhos.

E o amor de Deus é maior
Que todo o pezar da terra;
Se soffro em face da dôr
Vejo que a dôr não me aterra
Que o amor de Deus é maior.

Eu verei minha alegria
Completa na feliz hora
Em que ficar hirta e fria,
Pois na morte que apavora
Eu verei minha alegria.

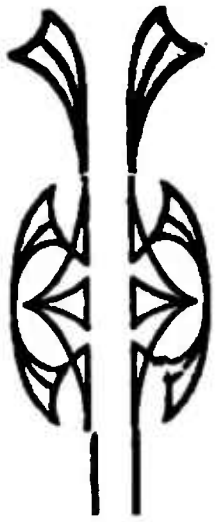
Quem sabe o que existe lá
Na habitação de mysterio?
Quem sabe!? Certo não ha
Mais gozo que o gozo ethereo...
Quem sabe o que existe lá?

Carmen Freire
De Julia das Oros
exemplos que sobrelleva
mãe de nós
e agora grande parte

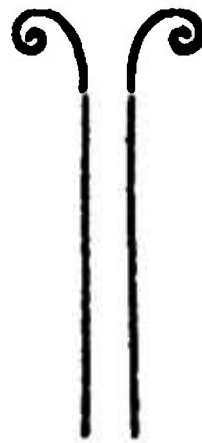
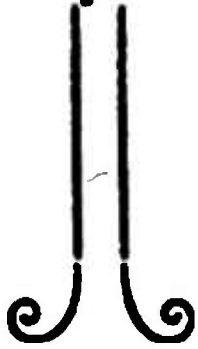
931

Viage → S. Rd
Rd

27/9/24



A' excelsa artista
dos "Crystaes Partidos.,



Gilka da Costa Machado



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).